

De volta ao futuro da língua portuguesa.

Atas do X^o UNICOP/UNIMPÓSIO Mundial de Estudos de Língua Portuguesa

Simpósio 22 - Questões semântico-sintáticas na pesquisa e no ensino da língua portuguesa, 3203-3218

ISBN 978-88-8305-127-2

DOI 10.1285/i9788883051272p3203

<http://siba-esu.unisalento.it>, © 2017 Università del Salento

LOST IN TRANSLATION: RELATIVISMO LINGUÍSTICO

Afrânio da Silva GARCIA¹

RESUMO

Escolhemos o título *Lost in Translation: Relativismo Linguístico* para enfatizar um dos piores problemas da tradução: o *relativismo linguístico*, no qual palavras aparentemente sinônimas entre duas línguas apresentam nuances distintas, discrepâncias de valor ou especificidades de emprego. Ferdinand de Saussure foi o primeiro a esboçar aquilo que viria a ser chamado de *relativismo linguístico*, na sua dicotomia entre *significado* e *valor*, através do exemplo das palavras *mutton*, do inglês, e *mouton*, do francês, que, apesar de terem o mesmo significado, não têm o mesmo valor. Embora ambas signifiquem *ovelha*, têm um valor bastante diferente, já que *mouton* pode referir-se tanto à ovelha viva quanto à ovelha morta, enquanto *mutton* refere-se apenas à ovelha morta, havendo a palavra *sheep* para a ovelha viva. Benjamin Whorf e Edward Sapir propuseram a teoria do *relativismo linguístico*, em que cada língua tem uma forma relativa de perceber, discriminar e organizar os dados da realidade objetiva, através de palavras e expressões próprias e, num certo sentido, intraduzíveis. Pretendemos discutir essa diferenciação semântica, de valor ou emprego de palavras sinônimas no português, no inglês e, ocasionalmente, no francês, e os problemas de tradução decorrentes. Para tanto, apresentaremos alguns dos exemplos mais marcantes de palavras e estruturas cuja tradução, devido a problemas relacionados ao *relativismo linguístico*, pode levar a resultados absurdos, incompreensíveis e até ridículos.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução; Semântica; Português; Inglês; Francês.

1. Verbos de substituição

Inicialmente, iremos analisar o *relativismo linguístico* dos sinônimos (ou termos equivalentes) dos verbos que expressam *substituição* ou *mudança* no inglês e no português.

O verbo *substitute* do inglês é absolutamente idêntico, em termos semânticos, ao verbo *substituir* do português, mas ambos guardam entre si uma diferença

¹ UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Letras. Endereço: Rua Muniz Barreto, 330 / 502, Botafogo – CEP: 22251-090 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil. E-mail: afraniogarcia@gmail.com

impressionante. Se um senhor proferir a seguinte frase em inglês “I have *substituted* my middle-aged wife *for two young beautiful girls*”, qualquer falante do português pensará que este senhor considera a aparência física e a juventude como mais importantes que os sentimentos ou o respeito mútuo. Nada é mais errôneo do que esta conclusão, pois, na verdade, o verbo *substitute* funciona, sintaticamente, exatamente na ordem inversa do seu sinônimo português, ou seja, o *elemento substituído vem depois do elemento substituidor*. Uma tradução correta para o português do exemplo acima seria: Eu *substituí* duas belas e jovens garotas *pela minha esposa de meia-idade*; ou seja, o senhor em questão é um marido amoroso, que não vacilou em abandonar duas belas e jovens garotas para ficar com sua esposa de meia-idade. *Honi soit qui mal y pense!* (Envergonhe-se quem nisto vê malícia!)

Para parafrasearmos a sentença 2 de forma semântica e sintaticamente correta em inglês, na mesma ordem em que ela é dita no português, teríamos que substituir o verbo *substitute* por *replace* (usado geralmente para coisas, como *pneus*, *pilhas*, correspondendo tanto a *substituir* quanto *repor* em português), como na sentença “I have *replaced* two young beautiful girls *for / with my middle-aged wife*”.

Outros verbos ingleses equivalentes ao verbo *substituir* do português são: *commute*, usado geralmente para *coisas*, reunindo em si as noções expressas por *substituir* e *trocar* do português, e os verbos *relieve* e *relay*, usados principalmente para substituição de *pessoas* em *ofícios* ou *turnos* (como os verbos *render*, *revezar* e *substituir* do português), como nas sentenças: **(1)** The death sentence was *commuted* to penal servitude for life. (A sentença de morte foi *substituída* por prisão perpétua com serviços forçados.); **(2)** Another signalman *relieved* him at 5:30. (Outro sinaleiro o *substituiu* / *rendeu* às 5:30) e **(3)** *Relay* the horses. (*Substituir* os cavalos)

O verbo *change* aparenta ter um sinônimo perfeito no português: *mudar*, mas seu valor semântico ultrapassa seu correspondente lusófono, pois *change* tanto pode se traduzido por *mudar* quanto por *trocar*, além de *transformar*, como nos exemplos: **(1)** Colors *change* if they are exposed to the sun. (As cores *mudam* quando são expostas ao sol). **(2)** You’ll have to *change* planes in Miami. (Você vai ter que *mudar* / *trocar* de avião em Miami); **(3)** She *changed* her shoes when she got home from the office. (Ela *trocou* de sapatos quando chegou à casa do escritório) e **(4)** The witch *changed* the prince into a toad. (A bruxa *transformou* o príncipe num sapo)

O fato de o verbo inglês *change* corresponder a três verbos portugueses: *mudar*, *trocar* e *transformar* não impede que a língua inglesa tenha outros verbos com o sentido

de *mudar* e *trocar*. Como não se pode usar *change* no sentido de *mudar* com relação a *lugares*, emprega-se o verbo *move*, como nos exemplos: (1) They *moved* to Texas. (Eles se *mudaram* para o Texas); (2) I'm *moving* my money to another bank. (Estou *mudando* / *transferindo* meu dinheiro para outro banco).

Para o sentido de *trocar*, o inglês apresenta uma quantidade razoável de verbos: *exchange* (trocar, [inter]cambiar, permutar), *shift* (trocar um pelo outro, trocar de papéis ou turnos, transferir), *switch* (trocar um pelo outro), *swap* (coloquial: trocar um pelo outro), *bandy* (trocar golpes e xingamentos) e *barter* (trocar, barganhar). Vejam-se os exemplos: (1) They were generally *exchanging* gossip. (Elas estavam geralmente *trocando* fofoca). (2) Let's *exchange* our francs for dollars. (Vamos *trocar* / *cambiar* nossos francos por dólares). (3) He gave an excuse, trying to *shift* the blame. (Ele deu uma desculpa, tentando *transferir* a culpa). (4) I used to have tapes, but I *switched* to CDs. (Eu costumava ter fitas, mas eu *troquei* / *mudei* para CDs). (5) We *swapped* phone numbers. (Nós *trocamos* números de telefone). (6) They started to *bandy* words with the police. (Eles começaram a *trocar palavras* / *[es]bravejar* com a polícia) e (7) He often *bartered* a meal for drawings. (Ele frequentemente *trocava* / *barganhava* uma refeição por desenhos).

Finalizando esta parte, cabe alertar para o sentido, específico do inglês, dos verbos *commerce* e *trade*. Além de significarem *comerciar* e *negociar*, podem **denotar** também *trocar* ou *(inter)cambiar*, como nos exemplos: (1) I will not *commerce* with him. (Eu não vou mais *trocar palavras* / *relações* com ele). (2) The two players *traded* insults and nearly came to blows. (Os dois atores *trocaram* insultos e quase chegaram aos socos)

Pronomes demonstrativos e indefinidos

Os pronomes demonstrativos *this*, *these*; e *that*, *those* parecem ter o mesmo significado de seus correspondentes em português: *este*, *esta*, *isto*, *estes*, *estas*; e *aquele*, *aquela*, *aquilo*, *aqueles*, *aquelas*, mas apresentam diferenças profundas, derivadas do *sistema linguístico* dos dois idiomas, visto que os demonstrativos ingleses se baseiam em apenas uma distinção: perto do falante: *this*, *these*, e longe do falante: *that*, *those*, enquanto os demonstrativos portugueses expresam três distinções: perto do falante: *este*,

esta, isto, estes, estas; perto do ouvinte: *esse, essa, isso, esses, essas*; e longe tanto do falante quanto do ouvinte: *aquele, aquela, aquilo, aqueles, aquelas*.

No inglês, que não tem um demonstrativo específico para a segunda pessoa do discurso (subentendo proximidade desta), os demonstrativos *that, those* são empregados nesses casos, mas não indistintamente, principalmente se considerarmos que existe tanto uma *distância* quanto uma *proximidade psicológica* em relação ao falante. Ilustrando:

Português	Inglês
Eu amo <i>essa</i> mulher.	I love <i>this / that</i> woman.
Eu detesto <i>essa</i> mulher.	I hate <i>that</i> woman.
<i>Essa</i> é a minha opinião.	<i>This / that</i> is my opinion.
<i>Essa</i> é a sua opinião.	<i>That</i> is your opinion.

embora haja uma nítida preferência pelo pronome *that*, como em:

- 1) *That* is what I want. (Isso é o que eu quero)
- 2) *That's* the way I like. (Essa é a maneira que eu gosto)
- 3) *That* is my girl. (Essa é a minha garota)

O francês possui, em princípio, apenas *um demonstrativo dêitico*, de *referência*, sem conferir muita importância à *localização*: *ce (cet): cette, ces*, correspondente aos demonstrativos portugueses: *esse, essa, isso, esses, essas*. Quando há necessidade de *ênfasis* a *localização* do termo referido, empregam-se os *demonstrativos compostos*, divididos em adjetivos: *ce(cet)...ci, cette...ci, ces...ci* (*este, esta, isto, estes, estas*); *ce(cet)...là, cette... là, ces... là* (*aquele, aquela, aquilo, aqueles, aquelas*) e pronomes: *celui-ci, celle-ci, ceux-ci, celles-ci; ceci (neutro)* (*este, esta, isto, estes, estas*); *celui-là, celle-là, ceux-là, celles-là; celà (neutro)* (*aquele, aquela, aquilo, aqueles, aquelas*).

- 1) *Cet* agente-*ci* est maigre; *celui-là* est gros. (*Este guarda é magro, aquele é gordo.*)
- 2) *Celui-ci*, c'est le dôme des Invalides; *celui-là*, c'est le dôme de Panthéon. (*Esta é a cúpula dos Inválidos; aquela é a cúpula do Panteão*)

Com relação aos pronomes indefinidos *much* do inglês e *muito* do português, também podemos afirmar que, embora tenham o mesmo significado, não têm o mesmo valor. *Muito* pode ser usado no plural, com o simples acréscimo da desinência -s: *muitos*; além de poder ser usado como advérbio de intensidade determinando adjetivos e verbos: *muito*. Enquanto o inglês tem formas distintas para o pronome indefinido plural:

many; para os advérbios de intensidade relacionados a adjetivos: *very*; e para os advérbios de intensidade relacionados a verbos: *very much*, como podemos constatar nos exemplos a seguir: (1) Ele tem *muito* dinheiro. (He has *much* money). (2) Ela tem *muitos* amigos. (She has *many* friends). (3) Seu bebê é *muito* bonito. (Your baby is *very* beautiful). (4) Eu gosto *muito* dela. (I like her *very much*).

Os pronomes indefinidos *little* do inglês e *pouco* do português têm características similares, visto que *pouco* pode ser usado no plural com o simples acréscimo da desinência -s: *poucos*; além de poder ser usado como advérbio de intensidade determinando adjetivos e verbos: (*um*) *pouco*. Já o inglês tem formas distintas para o pronome indefinido plural: *few*, às vezes *a few*, e para os advérbios de intensidade relacionados a adjetivos e a verbos: *a little*, como nos exemplos a seguir: (1) Ele ganha *pouco* dinheiro. (He earns *little* money). (2) Eles têm *poucos* amigos. (They have *few* friends). (3) Eles estavam (*um*) *pouco* alegres. (They were *a little* happy). (4) Ele estudou *pouco*. (He has studied *a little*).

Uma característica dos *pronomes indefinidos ingleses*, que causa espanto nos falantes de português, é o **emprego** associado a pronomes ou artigos indefinidos de *sentido dispar ou paradoxal*. Nesses casos, o professor de inglês como língua estrangeira deve ensinar simplesmente que o que vale é o primeiro termo da expressão, devendo o resto ser ignorado, como podemos verificar (e nos assombrar) nos exemplos **a seguir**: (1) It was *many a* year ago. (Tradução literal: Isso foi *muitos um* ano atrás; tradução adaptada ao sentido: Isso foi há muitos anos atrás). (2) I have *many a few* friends. (Tradução literal: Eu tenho *muitos uns poucos* amigos; tradução adaptada ao sentido: Eu tenho *muitos* amigos).

Termos relacionados ao pensamento

Os verbos *saber* e *conhecer* se diferenciam de duas maneiras: (a) sintaticamente, já que *conhecer* *pode ter como complemento entidades* (pessoas, coisas), ao passo que *saber* *não pode*; (b) semanticamente, quando o complemento é um *assunto* ou *tópico*, o que pode ocorrer com ambos os verbos, em que o emprego do verbo *saber* implica uma *intensidade maior* do que o uso do verbo *conhecer*.

- 1) *Eu *sei* Joana. (inaceitável)

- 2) Eu *conheço* Joana. (aceitável)
- 3) Eu *sei* Matemática. (Eu tenho um conhecimento *profundo* de Matemática)
- 4) Eu *conheço* Matemática. (Eu tenho um conhecimento *superficial* de Matemática)

Todas essas sentenças são escritas em inglês com o verbo *know*, que tem o mesmo significado de *saber*, mas não o mesmo valor, pois *to know* recobre semanticamente as noções de saber e conhecer. Se quisermos reproduzir a *diferença de intensidade* entre os verbos *saber* e *conhecer* na versão para o inglês, teremos que usar um intensificador ou o operador verbal.

- 1) I *know* Joana. (Eu conheço Joana)
- 2) I *know* Mathematics. (Eu sei ou conheço Matemática)
- 3) I *know* Mathematics *indeed*. (Eu sei Matemática – mais intenso)
- 4) I *do know* Mathematics. (Eu sei Matemática – mais intenso)

O verbo inglês *think* tem o mesmo significado do verbo *pensar*, mas não o mesmo valor. Semanticamente, *to think* engloba a noção de *achar*, no sentido de *considerar*, como nos exemplos:

- 1) I *think*, therefore I exist. (*Penso*, logo existo.)
- 2) I *think* he's a good fellow. (Eu *acho* que ele é um bom companheiro.)
- 3) What do you *think* of it? (O que você *pensa* / *acha* disto?)
- 4) I *think* it great. (Eu *acho* isso ótimo)

A noção de *consciência/percepção* é apresentada em inglês por três formas: *conscience* (a capacidade de distinguir entre certo e errado), *consciousness* (a condição de estar consciente, de estar psicologicamente e fisicamente desperto) e *awareness* (o fato de ser capaz de perceber e entender a realidade ou um conjunto de informações ou crenças). Em *francês* como em *português* apenas uma palavra recobre as três noções: *conscience* (francês) e *consciência* (português). Isso se dá porque o traço característico “entendimento do certo e errado” tem *importância* como um dado à parte das noções de “estar consciente” ou “ter entendimento e percepção da realidade” no *inglês*, o que não sucede no *português*, como nos exemplos:

- 1) The moral *conscience* of a nation. (A *consciência* moral de uma nação)
- 2) She failed to regain *consciousness* and died two days later. (Ela não conseguiu recobrar a *consciência* e morreu dois dias depois)

- 3) There is a lack of *awareness* of the risks. (Há uma falta de *consciência* dos riscos.)

O verbo *lembrar* do português também pode ser expresso por três formas distintas em inglês: *remember* (lembrar de algo), *recall* (lembrar do passado, rememorar, recordar) e *remind* (lembrar alguém de algo), como veremos adiante. Vale lembrar que o âmbito do verbo *recall* está se ampliando e absorvendo progressivamente o verbo *remember*.

- 1) No one *remembered* his name. (Ninguém *lembrava* seu nome.)
2) I can still vaguely *recall* being taken to the hospital. (Eu ainda consigo *lembrar* vagamente de ser levado para o hospital.)
3) Normally she *reminds* me by circling the date in red in the calendar. (Normalmente ela me lembra circulando a data em vermelho no calendário)

A noção de *preocupar* pode ser traduzida em inglês por três verbos: *worry* (provocar ansiedade ou desconforto na mente), *preoccupy* (quando algo domina a mente de tal forma que exclui outros pensamentos) e *concern* (quando algo precisa ser pensado para ser evitado ou tratado da melhor forma, não precisando ser de forma negativa), como nos exemplos:

- 1) He *worried* about his soldier sons in the war. (Ele se *preocupava* com seus filhos soldados na Guerra.)
2) The French Revolution had come to *preoccupy* me. (A Revolução Francesa chegou para me *preocupar*.)
3) He *concerns* himself with other people's affair. (Ele se *preocupa* com os assuntos das outras pessoas.)
4) Teachers are always *concerned* with their students. (Os professores estão sempre *preocupados* com seus alunos.)

2. Verbos existenciais

O verbo *haver*, no sentido de *existir*, tão usado no português, não tem correspondente no inglês nem no francês. Essa ideia é representada pela locução *there to be* (estar lá) no inglês e por *il y avoir* (ter lá) em francês, como em:

- 1) *Há / existem* livros sobre a mesa.

2) *There are books on the table.*

3) *Il y a des livres sur la table.*

De maneira geral, os verbos existenciais, com exceção de *haver* e de *ter* no sentido de *existir*, apresentam correspondentes virtualmente idênticos no inglês, com duas exceções dignas de nota.

- o verbo *appear*, que acumula os sentidos dos verbos *aparecer* e *parecer* do português (denunciando sua matriz etimológica: *ad* + *parere* – ter uma certa aparência, ficar visível), como nos exemplos:

1) *The major life forms appeared on earth.* (As principais formas de vida *apareceram* / *surgiram* na terra)

2) *Smoke appeared on the horizon.* (Fumaça *apareceu* no horizonte.)

3) *He appeared calm and relaxed.* (Ele *parecia* calmo e relaxado.)

4) *The evidence appears to support you.* (A evidência *parece* amparar você.)

- o verbo *obtain*, geralmente equivalente ao verbo *obter* do português, mas que também atua como *verbo existencial*, significando *haver* ou *acontecer* *costumeiramente* ou *em quantidade*, como nos exemplos:

1) *He obtained a law degree from Brown University.* (Ele *obteve* / *conseguiu* uma graduação em Direito pela Universidade Brown.)

2) *The monster demands and obtains absolute silence and attention.* (O monstro exige e *obtem* silêncio e atenção absolutos.)

3) *Society is reduced to the conditions which obtained in pre-literate communities.* (A sociedade é reduzida às condições que *existiam* nas sociedades pré-alfabetizadas.)

4) *A new law obtains in this case.* (Uma nova lei *existe* neste caso.)

5) *But how does it fit with what obtains here at home?* (Mas como isso se adequa ao que *existe* / *acontece* aqui em casa?)

Já com relação à não existência ou à insuficiência de algo, expressa em português simplesmente pelo verbo na negativa (*não haver/ter*, *não existir*) no primeiro caso, ou pelos verbos *faltar* e *carecer* (este mais formal) no segundo, o inglês tem quatro maneiras de representá-la: o verbo *there to be* na negativa e os verbos *lack*, *miss* e *want* na afirmativa como podemos verificar nos exemplos:

1) *There is no one / There isn't anyone in the room.* (*Não há* ninguém na sala)

2) *He lacks courage.* (Ele *não tem* / *Falta-lhe* coragem)

- 3) The letter R is *missing*. (*Falta a letra R*)
- 4) He *wanted* the strength to go on living. (*Faltava-lhe a força para continuar vivendo*)

No caso do verbo *want*, temos que levar em conta ainda o fato de seu significado fundamental ser *querer, desejar*, como em *I want you*. (Eu quero você)

3. O preciosismo significativo do inglês

Uma característica marcante da língua inglesa é o preciosismo na caracterização semântica de determinadas palavras, principalmente os verbos. Estes apresentam extensa lista de sinônimos, correspondentes apenas a um verbo, ou a uns poucos verbos, no português.

Um exemplo relevante é o verbo *bater* do português, que pode ser traduzido no inglês por *beat* (bater), *hit* (bater, atingir), *tap* (bater em tambor, com os dedos ou no sapateado), *pat* (bater com gentileza com a palma das mãos ou algo plano), *clap* (bater palmas), *slam* (bater com força e barulho numa superfície plana), *slap* (esbofetear, espadanar), *stomp / stamp* (bater com os pés), *strike* (bater com os punhos ou com um tipo de maça, atingir), *rap* (bater com um golpe rápido), *knock* (bater em porta, madeira ou vidro, fazendo barulho), *bump* (atingir, colidir), *thump* (bater com algo pesado), *thwack / whack* (bater com um golpe sonoro), *dash* (bater para quebrar), *batter* (bater repetidamente ou espancar), *drub* (bater com uma vara), *flog* (bater com vara ou açoite), *pound* (bater repetidamente com força), *thrash* (bater como punição), *punch* (bater com a mão fechada), *whip / lash* (bater, chicotear) etc. Ilustrando:

- 1) Her heart was *beating* fast. (Seu coração estava *batendo* forte)
- 2) He *hit* her in the face. (Ele *bateu* nela / *atingiu*-a na face)
- 3) She *tapped* me on the shoulder. (Ela *bateu* no meu ombro)
- 4) She *patted* me on the shoulder. (Ela *bateu* no meu ombro com carinho ou aprovação)
- 5) She *clapped* her hands in appreciation. (Ela *bateu* palmas em consideração)
- 6) Don't *slam* the door. (Não *bata* a porta)
- 7) The impatient teacher *slapped* the student. (O professor impaciente *esbofeteou* o aluno)

- 8) The men *stomped* in the snow with their heavy boots. (Os homens *pisavam* ruidosamente / *batiam* com suas botas pesadas na neve)
- 9) The boxer *struck* the opponent. (O boxeador *atingiu* / *bateu* no adversário)
- 10) I think I'm *knocking* on Heaven's door. (Eu acho que estou *batendo* nas portas do Céu)
- 11) My car *bumped* into the tree. (Meu carro *bateu* na / *colidiu* com a árvore)
- 12) Holman *thumped* the desk with his hand. (Holman *bateu* na mesa com sua mão fazendo barulho)
- 13) She *thwacked* the back of their knees with a cane. (Ela *bateu* na parte de trás dos seus joelhos com uma bengala)
- 14) He *dashed* the plate into smithereens against the wall. (Ele *bateu* / *lançou* o prato contra a parede quebrando-o em pedacinhos)
- 15) Thunderstorms *were battering* Kansas again on Sunday. (Tempestades *bateram* / *assolaram* o Kansas no domingo)
- 16) Latin grammar was *drubbed* into their heads. (A gramática latina foi *batida* / *socada* a vara dentro de suas cabeças)
- 17) The thieves were *flogged*. (Os ladrões foram *espancados* / *açoitados*)
- 18) Patrick *pounded* the couch with his fists. (Patrick *bateu* repetidamente com seus punhos no sofá)
- 19) She *thrashed* him across the head and shoulders. (Ela *fustigou-o* / *bateu* nele na cabeça e nos ombros)
- 20) She *punched* him in the face and ran off. (Ela *socou-o* / *bateu* nele na face e saiu correndo)
- 21) They *lashed* him repeatedly about the head. (Eles nos *bateram* / *vergastaram* repetidamente na cabeça)
- 22) There they *whipped* us with electric cables. (Lá eles nos *bateram* / *açoitaram* com cabos elétricos)

O verbo *gritar* também apresenta uma série de correlatos em inglês, tais como: *cry* (gritar, chorar), *shout* (gritar com emoção, berrar), *scream* (gritar agudamente), *yell* (gritar de surpresa, prazer, etc.), *shriek* (gritar estridentemente), *bawl* (berrar) etc.

- 1) The speaker was interrupted by someone *crying* in the rear of the audience. (O orador foi interrompido por alguém *gritando* nos fundos da audiência)
- 2) "I'm here", the mother *shouted* when she saw her child looking lost. (Eu estou aqui, a mãe *berrou* ao ver seu filho parecendo perdido)

- 3) Someone was *screaming* in the street. (Alguém estava *berrando* na rua)
- 4) The policeman *yelled* at them to stop. (O policial *gritou* para eles que parassem)
- 5) He suddenly let out a piercing *shriek*. (Ele subitamente soltou um *grito* agudo)
- 6) He started *bawling* when the dog snatched his toy. (Ele começou a *gritar* quando o cachorro agarrou seu brinquedo)

A noção de *tremar* é representada em inglês por vários verbos com funções específicas, tais como: *shake* (de caráter geral, também sacudir), *tremble* (tremar involuntariamente), *quiver* (estremecer), *shudder* (tremar de medo), *shiver* (tremar de frio), *quake* (tremar violentamente), *quaver* (tremar ao falar), etc.

- 1) He was *shaking* with nerves. (Ele estava tremendo de nervoso)
- 2) His voice *trembled*. (Sua voz *tremia*)
- 3) The dog *quivered* with fear. (O cachorro *tremia* de medo)
- 4) She *shuddered* with horror. (Ela *tremeu* de horror)
- 5) She *shivered* with cold. (Ela *tremia* de frio)
- 6) He spoke boldly even though his legs were *quaking*. (Ele falou com coragem embora suas pernas estivessem *tremendo*)
- 7) Her voice *quavered* a moment and then she regained control. (Sua voz *estremeceu* um momento e então ela recuperou o controle)

O verbo *pular* equivale a vários verbos ingleses, tais como: *jump* (pular, saltar), *leap* (pular de um ponto a outro, pular por cima), *skip* (pular por cima de algo), *hop* (dar um salto curto), *bounce* (correr pulando, quicar), *spring* (saltar com rapidez e força), etc.

- 1) They *jumped* into the water. (Elas *pularam* na água)
- 2) A big deer *leapt* over our fence. (Um grande veado *pulou* por cima da cerca)
- 3) I *skip* for ten minutes every day to keep fit. (Eu *pulo* por dez minutos todo dia para manter-me em forma)
- 4) Rabbits were *hopping* across the field. (Os coelhos estavam *saltando* através do campo)
- 5) The ball *bounced* high into the air. (A bola *pulou* / *quicou* no ar)
- 6) There was a tiger ready to *spring*. (Havia um tigre pronto para *saltar*)

Finalizando esta parte, temos o verbo *atirar*, com vários equivalentes em inglês, tais como: *throw* (atirar, lançar pelo ar), *cast* (atirar com violência ou decisão), *fling* (atirar com força ou abandono), *toss* (atirar de leve), *hurl* (atirar com muita força),

pitch (atirar com força), *heave* (atirar algo pesado), *lob* (atirar fazendo curva), *chuck* (atirar sem prestar atenção), *sling* (jogar para baixo sem atenção), etc.

- 1) Finally, the child *threw* the ball. (Finalmente, a criança *atirou* a bola)
- 2) The gambler *cast* the dice. (O jogador *lançou* os dados)
- 3) She *flung* a stone in the water. (Ela *atirou* a pedra na água)
- 4) The ship was *tossed* by waves. (O navio era *jogado* pelas águas)
- 5) Agitators *hurl* rocks and bottles at the cops. (Agitadores *arremessavam* / *lançavam* rochas e garrafas contra os policiais)
- 6) He crumpled the page up and *pitched* it into the fireplace. (Ele amassou a página e *jogou-a* na lareira)
- 7) She *heaved* half a brick at him. (Ela *atirou* metade de um tijolo nele)
- 8) He *lobbed* the ball over their heads. (Ele *lançou* a bola por cima das cabeças deles)
- 9) Someone *chucked* a brick through the window. (Alguém *jogou* / *deixou cair* um tijolo da janela)
- 10) He was *slinging* a few things into his knapsack. (Ele estava *jogando* umas poucas coisas na mochila)

Ademais, existem verbos ingleses que têm um significado tão específico que, para traduzi-los para o português, precisamos usar um verbo seguido de um adjunto adverbial que marque esta especificidade, tais como: (1) *sip*, que significa bebericar, beber vagarosamente, gole por gole; (2) *peruse*, que significa não só ler atentamente, examinar, como também folhear, passar os olhos, e (3) *soar*, que significa voar a grande altitude, ao ponto de não ser mais visto. Vejam-se os exemplos:

- 1) He *sipped* the hot tea noisily. (Ele *bebericou* o chá quente fazendo barulho)
- 2) He has spent countless hour *perusing* art history books. (Ele passou inúmeras horas *lendo atentamente* / *examinando* livros de história da arte)
- 3) He opened the newspaper and *perused* the sports pages. (Ele abriu o jornal e *folheou* / *deu uma olhada* nas páginas de esportes)
- 4) Planes *soared* overhead. (Aviões *voavam alto* lá em cima)

4. Três casos exemplares

Existem casos em que uma palavra fica virtualmente intraduzível. Em alguns casos porque a forma constitui uma evolução histórica inexistente na outra língua;

noutros, porque a forma adquiriu um sentido conotativo que contradiz o sentido denotativo ou conotativo vigente no outro idioma. Três expressões inglesas exemplificam este problema: *get*, *asset* e *wishful thinking*.

O verbo *get*, o terceiro verbo mais importante do inglês, costuma ser traduzido por *conseguir*, mas o seu conteúdo semântico é imenso, abrangendo todas as situações em que alguém ou alguma coisa *assume a posse de algo* (em sentido amplo, como uma relação de *localização*, cf. Lyons): *conseguir*, *ganhar*, *obter*, *comprar*, *adquirir*, *receber*, *herdar*, *conquistar*, *entrar numa relação*, *passar a ser ou a ter uma característica*, *condição*, *objeto* etc., além de funcionar como verbo auxiliar para mudança de estado: *get ready* – ficar pronto, *get fat* – engordar, *get old* – envelhecer, etc. Como muitos desses sentidos são assemelhados, fica difícil para o tradutor de textos descontextualizados precisar se o verbo *get* está indicando *conseguir*, *ganhar*, *comprar*, *roubar* ou *receber* algo. Ilustrando:

- 1) He finally *got* a job. (Ele finalmente *conseguiu* um emprego.)
- 2) She *has got* a new husband. (Ela *arrumou* um novo marido.)
- 3) Brazilians are *getting* fat. (Os brasileiros estão *ficando* gordos.)

A palavra *asset* é outra que dificulta muito a tradução. Originária de uma expressão jurídica latina: *ad satis* = *à suficiência*, cujo significado é que um comerciante ou funcionário tinha “*sufficient estate*” (propriedade suficiente para satisfazer débitos ou heranças), a forma *asset* passou por uma generalização de sentido e hoje indica “*a useful, desirable or valuable thing, person, quality or skill*”, uma definição muito diferente da que aparece nos dicionários brasileiros: “cada item da propriedade pessoal, posse, haver, ativo, bem componente do ativo” ou “habilidade, recurso, tino”. Muitas vezes essa palavra pode ser traduzida perfeitamente por *vantagem*, *habilidade*, ou por *colaborador*, mas nem sempre. (O que é muito desestimulante!)

- 1) The school is an *asset* to the community. (A escola é um *bem* para a comunidade)
- 2) Quick reflexes were his chief *asset*. (Reflexos rápidos eram sua principal *qualidade*)
- 3) His experience in church leadership would be a great *asset* to any church.
(Sua experiência em liderança religiosa seria uma grande *colaboração* para qualquer igreja)

Por último, temos a expressão de grande valor filosófico *wishful thinking*, que descreve tão bem um dos problemas cruciais dos brasileiros: *a eliminação, intencional ou não, dos pontos negativos na elaboração de seus pensamentos*. É o caso do jovem que não sabe fazer nada, mas espera conseguir um bom emprego. Da pessoa que já teve um infarto e continua bebendo, fumando e comendo gorduras. Da pessoa grosseira e violenta que fica surpresa quando seus amigos a abandonam.

A expressão *wishful thinking* significa, ao pé da letra, *pensamento desejoso*, o que não faz sentido em português. Se substituirmos por *pensamento delirante*, tornamos a expressão muito pesada e excluimos o componente *desejo* da expressão original. Se optarmos por *otimismo fantasioso*, em que a noção de desejo está embutida em *otimismo*, a ideia de *pensamento* ficará de fora. Ilustrando:

- Without resources the proposed measures were merely *wishful thinking*. (Sem recursos, as medidas propostas eram meramente um *pensamento delirante* / *otimismo fantasioso*).

A tradução dessa ideia, que tem significativa frequência, ainda está pendente! Eis aí um excelente dever de casa!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alexander, Louis George. 1997. *Fluency in English*. Essex: Longman.

_____. 1989. *For and against*. Essex: Longman.

American Heritage Dictionary of English Language. 2006. Boston / New York: Houghton Mifflin.

Collins English Dictionary 2015 <http://www.collinsdictionary.com/> Acesso em 24.set.2015.

Garcia, Afrânio da Silva. 2011. *Estudos universitários em semântica*. Rio de Janeiro /edição do autor/

Webster Dicionário Eletrônico. 1998. Rio de Janeiro: Lexicon.

Lyons, John. 1979. *Semantics*. Cambridge: C. U. P.

OneLook: General dictionary sites. 2015. http://www.onelook.com/?d=all_gen/ Acesso em 24.set.2015.

Oxford Dictionaries. 2015. <http://www.oxforddictionaries.com/us/> Acesso em 24.set.2015.

Ullmann, Stephen. 1987. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Calouste Gulbenkian.

Whorf, Benjamin. 1956. *Language, thought and reality*. Cambridge, MA: MIT Press.

